

Prática educomunicativa socioambiental aplicada em reunião com produtores extrativistas na Resex Chico Mendes, Acre

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira ¹
Michelliny de Matos Bentes-Gama ²

Resumo:

O registro dessa experiência tem por objetivo contribuir para a validação do uso de músicas amazônicas como recurso didático de educomunicação científica e ambiental na educação não formal. Em novembro de 2011, a música “Canto dos Castanhais” serviu de base para as discussões processadas em reunião que teve por objetivo apresentar e propor para extrativistas de castanha-do-brasil no Acre, a validação das diretrizes do Ministério do Meio Ambiente para o manejo da castanha na política de produtos da sociobiodiversidade. Esta atividade está relacionada às ações de educomunicação do Projeto Kamukaia/Repensa, coordenado pela Embrapa, que visa gerar soluções tecnológicas para o manejo sustentável de produtos florestais não madeireiros.

Palavras-chave:

Dialogismo; educomunicação; música amazônica.

1. Apresentação

O uso de músicas de artistas da região amazônica para atividades de sensibilização e de educomunicação científica e ambiental vem sendo estruturado como uma prática educomunicativa, fundamentada em processos socioeducativos desenvolvidos com comunidades rurais, a partir do ano 2000, com o objetivo de promover a participação de atores locais na gestão e utilização de recursos naturais. (OLIVEIRA et. al., 2012). Com essa prática se quer responder à demanda por dinâmicas de natureza conscientizadoras, uma vez que a educação e a comunicação são importantes ferramentas de promoção do desenvolvimento em bases sustentáveis.

¹ Comunicóloga, Mestre em Extensão Rural, Especialista em Jornalismo Científico, Pesquisadora da Embrapa Rondônia. vania.beatriz@embrapa.br

² Engenheira Florestal, Doutora em Ciência Florestal, Pesquisadora Embrapa Rondônia. michelliny.bentes-gama@embrapa.br

O Projeto Kamukaia/Repensa, coordenado pela Embrapa³, consiste em uma rede de pesquisa que atua na região amazônica, visando gerar soluções tecnológicas para o manejo sustentável de produtos florestais não madeireiros (PFNM). As atividades de comunicação e capacitação do Kamukaia têm como foco a promoção do diálogo com os produtores extrativistas e técnicos das instituições de pesquisa e extensão rural/florestal, parceiras do Projeto. O desenvolvimento de práticas educacionais socioambientais tem sido uma estratégia adotada nesse processo de interação.

O conceito de educação comunicacional está relacionado aos esforços realizados pela sociedade no sentido aproximar os campos da Cultura, Comunicação e Educação. A educação comunicacional é definida como “... a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional” (SOARES, 2002, p. 125).

Neste contexto, a música “Canto dos Castanhais” tem servido de base para as discussões processadas em reunião com produtores extrativistas de castanha-do-brasil, com o objetivo apresentar e propor a adoção das boas práticas. O uso da mesma na reunião na Resex⁴ Chico Mendes, objeto deste relato, foi a primeira experiência, que vem sendo reaplicada com outros segmentos de público, em oficinas de produção de videoclipe, como recurso didático de educação comunicacional científica e ambiental na educação formal. (OLIVEIRA e FERNANDES, 2012).

Os procedimentos metodológicos dessa prática educacional se sustentam em três pilares: a oficina como o lugar de interação; a música amazônica como portadora de um discurso ambiental; e a percepção ambiental dos participantes da mesma, situados no contexto sócio histórico de mobilização da sociedade para a ação-cidadã em razão da degradação ambiental. (OLIVEIRA, 2010). O propósito é refletir sobre o que faz a Ciência e o que a sociedade pode fazer para minimizar os impactos ambientais sobre as florestas naturais, a partir do discurso literário/ambiental presente na música.

Para além do lúdico o uso da música, em um processo reflexivo/educativo com o grupo, caracteriza-se como um processo de comunicação dialógica, em um espaço de interação. Neste caso, tem-se como suporte teórico o Dialogismo em Paulo Freire e Mikhail Bakhtin,

³ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

⁴ Reserva Extrativista

uma vez que a sala de aula ou o barracão onde se faz a reunião representam o espaço comunicacional e de interação social através do uso da linguagem.

Freire (1992) defende uma educação humanitária e uma comunicação dialógica, destacando a intersubjetividade e a intercomunicação, através da mediação entre os homens que pensam e falam. Já em Bakhtin (1997) situamos a reunião como o lugar de interação onde se produz o contrato de comunicação, “... parceiros em interação co-construindo o sentido” para construção de um novo discurso. Os alvos do interesse teórico de Bakhtin eram “... as formações da prosa na vida cotidiana” (MACHADO, 2008, p. 152). Por esta concepção, os gêneros discursivos devem ser pensados como elos de uma cadeia que, não apenas une como também dinamiza as relações entre pessoas ou sistemas de linguagem.

O autor dá o nome de conteúdo à rede de relações axiológicas da qual faz parte a criação de uma nova obra musical, o modo como são ordenadas pelo autor-criador os constituintes éticos e cognitivos recortados (isolados), transpostos para o plano estético e consumados numa nova unidade de sentidos e valores:

Mesmo a música – que, em princípio, é uma arte sem objeto (isto é, sem um elemento referencial, sem um conceito cognitivo, sem uma ideia, sem um referencial ético) diz Bakhtin, não se esgota na manipulação do material acústico. Também ela transcende esse material, também ela tem conteúdo, ou seja, ela também está expressando uma determinada rede de relações axiológicas para além do material, rede que se constrói no ato responsivo que rege a criação de uma nova obra musical. (BRAIT, 2009, p.103)

Nesse contexto foi adotada a estratégia de uso da música como auxiliar no processo de discussão das boas práticas. Os autores da música “Canto dos Castanhais” são Val Milhomem e Joãozinho Gomes, músicos do Amapá/Pará e a intérprete, Juliele, também é amapaense. A canção aborda aspectos do cotidiano dos castanheiros, estabelece comparações com os seringueiros e ressalta a fé e a força do canto “dessa gente”. (Anexo 1)

2. Atividade introdutória à discussão sobre o extrativismo da castanha

As reuniões preparatórias servem para trocar informações, identificar dificuldades e buscar soluções conjuntas para que o processo de adoção das boas práticas se concretize com sucesso. O evento realizado em novembro de 2011, no Seringal Filipinas, na Resex Chico Mendes, teve por objetivo apresentar, discutir e propor para as quatro comunidades

participantes, a validação das Diretrizes do Manejo de Castanhas integrantes da política de produtos da sociobiodiversidade, do Ministério do Meio Ambiente - MMA, da qual fazem parte as boas práticas para o manejo da castanha. Participaram onze extrativistas, representantes dos Núcleos de Base: Boa Esperança, Wilson Pinheiro II, Verde Floresta e Associação São Luís; e doze representantes de instituições de pesquisa e extensão, sendo sete da Embrapa, 01 do ICMBio⁵ e 04 do Pesacre⁶.

A atividade inicial teve por objetivo discutir a percepção dos participantes, quanto a sua identidade como castanheiros e quanto à importância da atividade que desenvolvem. Inicialmente fez-se a execução da música, que estava disponível em um videoclipe com imagens do trabalho desenvolvido pela Embrapa Acre naquela Resex e outras imagens de lugares e personalidades do Acre, como Marina Silva e Chico Mendes.

Devido a indisponibilidade de energia elétrica no local, o videoclipe foi executado em um notebook sem caixas de som externas. Foi solicitado que os participantes fizessem bastante silêncio para ouvir atentamente a música.⁷ Por 4,5 minutos, o tempo de duração da música, o Canto dos Castanhais ecoou no silêncio do barracão onde se realizava a reunião. (Figura 1). Após a audição, fez-se uma rápida discussão sobre a mensagem da música com as seguintes perguntas: Quem é “Essa Gente” de que a música fala? Vocês acham que a música representa bem a realidade de vocês?



Figura 1- Audição e discussão da música Canto dos Castanhais, na Resex Chico Mendes.

⁵ Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

⁶ Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre

⁷ Não nos interessava que os participantes conhecessem as imagens do videoclipe na primeira audição.

2.1. Processamento⁸:

Como verificado em outras experiências com uso de música, os participantes demoraram a assimilar a proposta, por uma aparente timidez ou pela novidade que foi o uso de música em reunião deles. Não houve muitas manifestações, porém, um dos extrativistas contestou o verso “... aqui quando sol se levanta, essa gente levanta e entra nos castanhais...”. Segundo ele, quando o sol se levanta “... a gente já está voltando”.

Outro verso mencionado foi “... é a voz, que diz quando está descontente / E grita ao mundo seus ais / Que fala, contesta, desmente...”. Este suscitou uma breve discussão sobre quem eram as vozes dos castanhais e quais eram os “ais” que estavam sendo gritados e por quem. Diante da falta de outras manifestações espontâneas, propusemos a extração de palavras-chaves da letra da música, para retomá-las em outros momentos das discussões. Foram extraídas as palavras: FÉ, FALA e CANTA; e a expressão ESSA GENTE.

2.2. Motivações e dificuldades para a participação

Ainda como parte introdutória à discussão sobre a atividade extrativista castanheira, fez-se breve discussão sobre as motivações pessoais para ir àquela reunião, bem como as possíveis dificuldades para isso. As perguntas formuladas foram: (A) O que os motivou a vir participar dessa reunião? e (B) Quais as dificuldades que tiveram que enfrentar para vir participar dessa reunião? As respostas estão nas Figuras 2 e 3, a seguir:

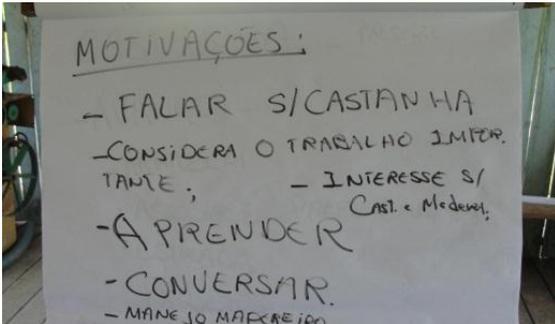
	<p>MOTIVAÇÕES:</p> <ul style="list-style-type: none"> - pela oportunidade de falar/conversar sobre castanha; - por ter interesse na temática da castanha; - interesse em se capacitar, aprender mais sobre a castanha; - o pessoal da Embrapa falar sobre a castanha.
---	--

Figura 2 - Respostas à pergunta (A)

⁸ Chamamos **processamento** a etapa de aplicação de uma dinâmica de grupo em que se discute os seus efeitos sobre as pessoas, participantes da atividade.

Também foi mencionado o interesse em manejo madeireiro, mas este não era o objetivo da reunião. Essa motivação equivocada evidencia a necessidade de dar mais clareza aos participantes quanto aos objetivos das reuniões, pois, embora isso tenha sido feito pela Embrapa não foi claramente transmitida pelos responsáveis pelos núcleos;

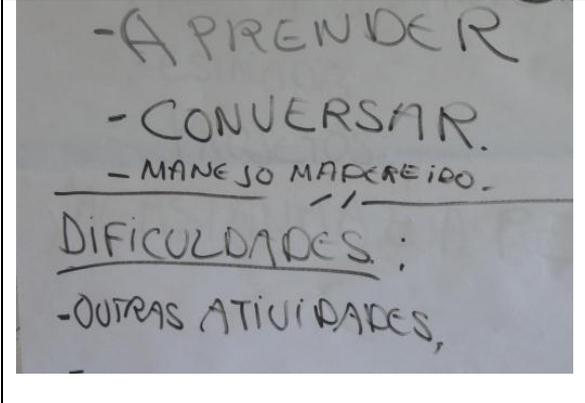
	<p>DIFICULDADES</p> <ul style="list-style-type: none"> - teve que acordar mais cedo para colher banana para poder vir à reunião; - tinha outro compromisso, mas resolveu participar; - no período da tarde, algumas pessoas precisaram sair porque tinham outra reunião agendada.
---	---

Figura 3 - Respostas à pergunta (B)

3. Organização comunitária para produção e comercialização da castanha

Apresentamos aos participantes a proposta de conversar sobre a atividade extrativista da castanha, contando um pouco de suas histórias de vida e a expectativa de futuro em relação à atividade. Iniciamos falando de nosso próprio conhecimento em relação à castanha. O depoimento pessoal da facilitadora da Oficina foi uma estratégia adotada para abrir o diálogo e, neste caso, demonstrar que os detentores de maior volume de informações eram os extrativistas. Ao mencionar o conhecimento sobre a espécie castanha sapucaia e o método de quebra da castanha na dobradiça da porta, foi retomado o verso “...*tem som de facão no ouriço*” e iniciado o compartilhamento de informações sobre a quebra. Eles disseram também quebrar na dobradiça, mas a prática mais frequente é quebrar com o martelo.

A discussão sobre a visão de futuro da comunidade introduziu a temática da organização comunitária, uma vez que também era objetivo da reunião entender porque não participavam da Cooperacre⁹. Obteve-se uma série de depoimentos, opiniões e sugestões a respeito do papel das instituições parceiras - ICMBio e PESACRE, e sobre as formas de organização cooperativas.

⁹ Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre.

3.1. Vitaminas para o Fortalecimento da Organização Social Comunitária

Estudos sobre o processo de implantação de sistema de gestão de recursos naturais, e em especial dos recursos florestais em regime comunitário, apontam a fragilidade das organizações comunitárias como um dos principais entraves a esse processo (Amaral e Amaral Neto, 2000), o que nos desafia a buscar identificar junto com os comunitários, formas de fortalecer as organizações, de modo a se estruturarem e criarem condições necessárias para as ações coletivas sustentadas.

Desta forma fez-se uma analogia entre as fragilidades/fraquezas físicas dos seres humanos e das organizações. Para isso estabeleceu-se breve diálogo com os participantes sobre o conhecimento que eles tinham quanto aos alimentos (frutas e legumes) que eram fontes de vitaminas. Em seguida, os participantes apontaram quais seriam as “vitaminas” necessárias para o fortalecimento da organização social local: A- associação, B - bom senso, C – confiança, comunicação, conhecimento; D – dedicação, E – ética, F- fiscalização, fé ; G – garantia de produção ; P – planejamento, participação; Q – qualidade; U – união.

Partindo da afirmação de que as vitaminas necessárias ao fortalecimento dos seres humanos são encontradas nos alimentos ou em vidros de remédios nas farmácias, a discussão foi finalizada com uma questão: “Onde então vamos encontrar as vitaminas para fortalecer a organização comunitária local?”. Adotamos a resposta de um dos comunitários: “*em nós mesmos*”, como ponto de partida para as discussões sobre as mudanças que gostariam ocorressem na comunidade.

4. Considerações finais e recomendações

As atividades desenvolvidas na reunião se caracterizam como práticas educacionais¹⁰ recomendadas para a condução de discussões em grupos comunitários. Tais práticas pressupõem um conhecimento prévio da comunidade e da cultura local. Consideramos que o fato de ser o primeiro contato da facilitadora com a comunidade, favoreceu o diálogo, por colocar-se como alguém que queria conhecê-los, ouvi-los falar, contar suas histórias. Por outro lado, consideramos que trabalhar em dupla de facilitadores,

¹⁰ Sob a designação de educação socioambiental, o segmento ambiental tem se destacado na adoção das práticas educacionais.

com uma pessoa que conhecesse mais a comunidade, seria importante, para que fossem feitas anotações, observações e retomadas as falas, por ventura perdidas na condução das discussões.

Não obstante isso, observamos que a primeira etapa de trabalho foi favorável à condução da segunda etapa da reunião, quando os pesquisadores especialistas em manejo florestal discutiram as proposições de mudanças, diante da constatação de que os problemas relacionados à organização das comunidades representa um entrave, bem como da necessidade de trabalhar a mobilização para a organização local. Embora não explicitamente, foi perceptível a retomada pelos pesquisadores, das falas sobre as “vitaminas” para o fortalecimento organizacional, identificadas nas proposições de mudança/compromissos dos participantes, em que aparecem as palavras União e Comunicação, mencionadas como vitaminas.

Quanto à música, não foi possível avaliar precisamente a aceitação do uso da mesma, uma vez que quando perguntado há quanto tempo não ouviam uma música naquele local, um dos participantes respondeu: “... desde quando prometeram que ia ter energia elétrica”. A resposta trás implícita uma crítica e acabou por não deixar claro qual a relação dos mesmos com a audição e gosto musical, mas as informações quanto ao acesso à comunicação para os comunicados de reunião deixou claro que eles têm acesso à mídia rádio¹¹.

Nesta experiência observamos várias possibilidades de explorar o uso da música Canto dos Castanhais na discussão da organização social dos extrativistas de castanha. Apresentamos algumas recomendações para a reaplicação do uso dessa prática em comunidades extrativistas:

- Se assegurar, logo depois da execução da música, de que tenham conseguido ouvi-la bem. É possível que a pouca participação na discussão inicial, tenha sido em razão de não terem conseguido ouvir perfeitamente o que dizia a música;

- Caso seja uma comunidade que disponha de energia elétrica, elaborar um videoclipe com imagens da comunidade, de modo que as pessoas se reconheçam;

- Se houver disponibilidade de tempo, explorar mais o que diz a letra da música em confronto com o que é a realidade local;

¹¹ Duas emissoras foram citadas.

- Evitar que a palavra FÉ conduza a discussões de cunho simplesmente religioso, mas tomá-la como crença, no sentido de acreditar na possibilidade de mudanças. No caso em questão, a FÉ voltou a ser mencionada quando se discutiu as “vitaminas para o fortalecimento organizacional”, mas se evitou aprofundar a discussão, sobretudo por avaliarmos a possibilidade de a comunidade ser formada por evangélicos, que não aceitam a devoção a Santos/Santas, como mencionado na música;

- Pode ser explorado mais as palavras, FALA e CANTA, com perguntas tais como: “Vocês têm o hábito de cantar enquanto fazem a coleta de castanhas?”

- Considerando o discurso literário da letra da música, na estrofe: “... *É a voz, que diz quando está descontente / E grita ao mundo seus ais /que fala, contesta , desmente/ Que ecoa pelos castanhais*”. Outra palavra que pode ser explorada é a DOR. Perguntas que sugerimos sejam feitas: - Quais são as DORES que cantam? Se não cantam, no sentido literal, de que forma estão gritando (comunicando) ao mundo os seus ais = suas dores? Quais são essas dores (contestações, desmentidos) que estão sendo cantadas, gritadas ou caladas?

Podemos também afirmar que esta experiência contribui para a validação do uso de músicas amazônicas como recurso didático na educomunicação científica e ambiental, uma vez que se verificou a possibilidade de materialização da inter-relação comunicação e educação em espaço educativo não formal, como é o caso das atividades com os extrativistas, quando o objetivo é promover a difusão de soluções tecnológicas para a conservação ambiental e estimular a ação cidadã para o desenvolvimento sustentável.

5. Referências

AMARAL, Paulo; AMARAL Neto, Manuel. **Manejo florestal comunitário na Amazônia Brasileira**: situação atual, desafios e perspectivas. Brasília: Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB, 2000.

BRAIT, Beth - **Bakhtin – Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** (Trad. Rosisca Darcy de Oliveira) São Paulo: Paz e Terra, 1992, 10 ed. 93 p. Coleção O Mundo Hoje, vol.24.

MACHADO, Irene. **Gêneros discursivos**. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos. **Metodologia de produção de vídeos com uso de música amazônica para a educomunicação científica e ambiental**. Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2010. (Série Documentos)

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos; VIEIRA, Abadio Hermes; BENTES-GAMA, Michelliny de Matos. **O uso de música em oficina temática de biodiversidade florestal.** In: Empresa, meio ambiente e responsabilidade socioambiental. Valéria Sucena Hammes et al. (Ed. Tec.). Brasília - DF: Embrapa, p.201-211, 2012 (Educação Ambiental para o Desenvolvimento, vol.6).

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; FERNANDES, Carla V. Soares. **Inferências sobre a música Canto dos Castanhais, por educadores ambientais, em Oficina de Produção de Videoclipe.** In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 8, 2012, Salvador. Anais... Salvador: Enecult, 2012. CD-ROM. Disponível in: http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=1566

SOARES, I. **Gestão comunicativa da educação:** caminhos da educomunicação. Revista Comunicação e Educação, ano 7, p. 16-25, 2002.

6. Anexos

CANTO DOS CASTANHAIS

Autores: Val Milhomem e Joãozinho Gomes - (Voz Juliele)

A vida que leva essa gente
 é um canto plangente,
 no meio dos castanhais.
 Tem som de facão no ouriço,
 de castanha entre os dentes,
 de pele nos espinhais;

A vida que leva essa gente
 Não é tão diferente
 da vida dos seringais.
 Por isso essa gente canta
 E o seu canto plangente
 Torna-se um canto de paz

É o baque da porta do quarto
 De um filho ausente,
 que não voltou nunca mais.
 Aqui quando o sol se levanta,
 Essa gente levanta
 e entra nos castanhais.

É a voz, que diz quando está descontente
 E grita ao mundo seus ais
 Que fala, contesta , desmente.
 Que ecoa pelos castanhais.

REFRÃO:

A fé dessa gente é tanta / E a dor que ela sente / Passa a doer na santa
 Que pega no ventre e senta / Enquanto essa gente canta.